

Introdução

O termo “*cool*”, segundo o estudioso de cinema e mídia Todd Boyd (também conhecido como Notorious Ph.D) é usado para classificar uma maneira despreocupada, distanciada e indiferente de levar a vida geralmente ligada a homens negros, a ideia de *cool* pode ser confundida com arrogância, ou orgulho. Quase uma espécie de arrogância, algo que sugere que a pessoa está acima das demais. Também é atribuída à palavra certa conotação sexual e potencialmente violenta. Para bell hook o homem negro pode ser considerado o ápice do *cool*, mas essa é uma característica muito mais negativa do que parece, é algo que propaga a morte.

O historiador de arte Robert Farris Thompson aponta a Nigéria como berço da ideia de *cool*, já que o título utilizado para designar o imperador (*ewuare*) pode ser traduzido para algo como “ele é *cool*”.

Em “*Cool Pose: The Dilemma of Black Manhood in America*” os autores Richard Majors e Janet Mancini Billson dizem que essa ideia se deu muito antes da colonização dos Estados Unidos, ainda no continente africano ser *cool* era uma forma de se portar e que refletia para o exterior a força interior do homem. Um elemento espiritual muito mais ligado à ancestralidade do que a qualquer forma de vaidade. Mas dois fatores são determinantes para as noções que se tem atualmente sobre esse assunto: a retirada das pessoas pretas de seu continente de origem durante o período colonial e a segregação entre negros e brancos. Portanto, apesar de ter sua origem no continente africano a ideia que se tem de *cool* nos dias de hoje (e que analisaremos nessa pesquisa) é baseada na noção estadunidense da palavra. Ideia essa que está muito mais ligada ao uso dessa postura para maquiagem as violências e opressões presentes no cotidiano de homens negros.

Na indústria cinematográfica é possível vermos a repetição de estereótipos sobre os homens negros e a maneira como se relacionam com si mesmos ou com a sociedade como um todo. Por isso pretendo analisar nessa pesquisa duas obras audiovisuais, sendo uma estadunidense e outra brasileira, ambas com homens negros em papéis de destaque e fazendo um comparativo entre a maneira como se dá essa construção de personagens no Brasil e nos Estados Unidos. Serão elas “*Moonlight: Sob a Luz do Luar*” (2017), de Barry Jenkins e o brasileiro “*Sócrates*” (2018), de Alexandre Moratto. Ambos são filmes que trazem homens negros como protagonistas e abordam questões como a masculinidade e a sexualidade em suas narrativas.

Terei como norte para realizar essa pesquisa as obras “*We Real Cool: Black Men and Masculinity*” de bell hooks, “*Cool Pose: The Dilemma of Black Manhood in America*” de Richard Majors e Janet Mancini Billson, que abordam toda a questão social que permeia a masculinidade negra e a ideia de *cool*. Além dos livros anteriormente citados usarei a obra de Guy Debord em “*A Sociedade do Espetáculo*” para falar sobre o que diz respeito à construção de imagem e a maneira como essas construções influenciam a sociedade para além das produções cinematográficas.

Para fazer tais comparações entre as obras cinematográficas e a literatura mencionada anteriormente traçarei paralelos entre as construções das personagens principais de cada filme, as cenas dos filmes e seus enredos.

1.O homem *cool*

Como tratado anteriormente o conceito de *cool* é muito mais antigo à ideia contemporânea que se tem sobre o significado que essa palavra carrega. Ainda no continente africano a ideia de *cool*, sempre ligada a um estado de espírito e maneira de portar, passou a ser uma maneira de sobreviver. A partir do período colonial nos Estados Unidos essa ideia se transforma com base nas experiências vividas pelos escravizados. Isso reflete diretamente na maneira como seus descendentes se portam, como uma maneira de se proteger dessas opressões, dos traumas por elas causados e do isolamento ao qual a população negra estadunidense foi submetida.

Em “*Cool Pose: The Dilemma of Black Manhood in America*” os autores Richard Majors e Janet Mancini Billson argumentam que apesar dessa autoproteção a pose de *cool* adotada por muitos homens negros pode ser um fator que leva estes mesmos homens negros à vulnerabilidade em relação à marginalidade.

“Ser *cool* ou adotar uma postura *cool*, como nós chamamos, é uma estratégia que muitos homens negros usam como uma maneira de dar sentido para a suas vidas. Nós acreditamos que a postura *cool*, como uma força, pode estar ligada a um orgulho superior, respeito próprio e masculinidade. Ao mesmo tempo o *cool* como uma máscara pode contribuir para abandono escolar, arranjar encrencas, abuso de drogas e álcool ou envolvimento com grupos delinquentes e gangues criminosas.” (MAJORS e BILLSON, 1992, p. XI)

Os autores ainda falam da maneira que esse tipo de atitude *cool* pode refletir nos relacionamentos interpessoais desses homens e como isso se manifesta com maior frequência nos homens mais jovens. Outro aspecto interessante pontuado por Majors e Billson e que vale ser observado é o fato da postura *cool* não ser uma característica exclusiva da população negra, mas se manifesta nessas pessoas com mais intensidade pelas circunstâncias históricas que acometeram essas pessoas.

Nos preocupa a maneira como alguns jovens negros usam a postura *cool* para contrariar as pressões da opressão, mas a pose *cool* não depende necessariamente de pobreza, desemprego, ou da vida na periferia. Pessoas de todas as raças, etnias, classes sociais ou gêneros se apropriam dessa cultura de alguma forma. No entanto, por conta do legado da escravidão, da discriminação sistêmica e das condições severas as quais os homens negros foram submetidos nos Estados Unidos, esses comportamentos se manifestam com maior frequência e intensidade em homens negros de baixa renda em relação a outros grupos.(MAJORS e BILLSON, 1992, p. XI)

É certo que a ideia de *cool* e a noção ocidental que se tem de masculinidade (aquele que provê, procria e protege) caminham juntas, o que acontece é que pessoas negras,

historicamente falando, não tiveram as mesmas condições de atingir os patamares alcançados por pessoas brancas (leia-se homens brancos). E a indiferença que essa noção carrega funciona nesse momento como uma espécie de defesa contra uma realidade que não é nem um pouco reconfortante. Por outro lado, observa-se que toda a tensão gerada para manter esse tipo de postura acaba se manifestando, as vezes de forma violenta, em outros aspectos da vida desses homens.

Acreditamos que a postura *cool* ajuda a explicar o fato de homens afro-americanos morrerem mais cedo em relação a homens brancos, de suicídio, homicídio, acidentes e doenças relacionadas ao estresse; que homens negros estão mais envolvidos em atividades criminosas e delinquentes; que eles abandonam a escola sejam suspensos com maior frequência que jovens negros e que eles têm relações mais voláteis com mulheres. (MAJORS e BILLSON, 1992, p. 2)

Para a teórica e ativista estadunidense bell hooks a violência reproduzida por esses homens negros é usada como ferramenta para demonstrar sua masculinidade dentro do sistema patriarcal no qual é baseada a sociedade, para a autora isso se dá pela maneira como homens negros encontraram na violência uma forma de emancipação, ela explica essa relação na obra *We Real Cool: Black Men and Masculinity*.

Homens negros socializados numa cultura patriarcal durante a escravidão fazem com que masculinidade seja sinônimo de dominação e controle dos outros a partir do uso de violência e acreditam que não podem reivindicar masculinidade por medo do branco genocida. Quando poderosos homens brancos racistas não reagiram imediatamente aos militantes negros que agiam com violência, estuprando, matando, saqueando, era como se os homens negros finalmente tivessem sua masculinidade afirmada. (HOOKS, 2004, p.50)

A maneira como se deram essas relações de masculinidade, negritude e violência certamente impactaram na maneira como homens negros vêm sendo representados na indústria audiovisual. Um exemplo disso é o filme de 1915 do diretor D. W, Griffith “O Nascimento de Uma Nação”. Em que homens negros são retratados de forma bestializada e a Ku Kux Klan é a salvadora da nação.

2. A construção da imagem do homem negro

Na indústria audiovisual a imagem do homem negro tenta a ser construída de maneira a reforçar preconceitos e estereótipos trabalhados desde as primeiras representações desse grupo na sétima arte. Isso vale para a prática de *black face* que, além de impedir que atores negros representassem a si mesmos no cinema, construía na maior parte das vezes figuras bestializadas (é o caso por exemplo do já citado “O Nascimento de uma nação”) e intelectualmente inferiores.

Um possível motivo para a frequência com que essas representações problemáticas se repetem até hoje pode estar na produção desses mesmos filmes: um levantamento da UCLA mostra que no ano de 2019, 27,6% dos protagonistas dos filmes eram negros e na direção eram apenas 5,5%, considerando as 146 maiores bilheterias dos Estados Unidos neste mesmo ano.

Além da pouca representatividade – diante e por trás das câmeras – é importante percebermos a maneira como essas personagens são construídas e o papel que ocupam. Em artigo para o Portal Nó de Oito a jornalista Lara Vascounto escreve sobre quatro estereótipos racistas usados com frequência pela indústria cinematográfica estadunidense, são eles o negro mágico, o negro que precisa ser salvo por um branco, o homem negro que não merece a mulher branca e a negra arretada. Como essa pesquisa faz um recorte racial e de gênero não analisaremos o último estereótipo. No primeiro caso, o do chamado de “negro mágico” o personagem faz as vezes de oráculo que de certa forma aparece na trama somente para iluminar o personagem principal (leia-se branco) e ajudá-lo a alcançar algum tipo de evolução, ou a resolução de um problema. Não costumam ter uma história própria por trás, estão no enredo somente para ajudar o protagonista.

Cunhado por Spike Lee em uma discussão sobre o filme *À Espera de um Milagre*, o termo Negro Mágico é usado para denominar aquele personagem sábio e místico que sempre aparece para salvar o dia do protagonista branco. Cheio de sabedoria e espiritualidade – e poderes sobrenaturais, em alguns casos – ele costuma ser de origem muito humilde (um zelador, um prisioneiro, um mendigo), mas pouco se preocupa com a própria condição. Não, o único objetivo de vida desse personagem é resolver os problemas do protagonista branco. Variações do Negro Mágico incluem a Empregada Benevolente (babá, cozinheira, faxineira) e o Melhor Amigo Conselheiro. Nenhum deles têm história própria – ou, pelo menos, nenhum deles tem história própria que tenha valor suficiente para aparecer no filme.

(VASCOUTO, 4 Estereótipos Racistas que Hollywood Precisa Parar de Usar. Nó de Oito. Acessado em 29 de Junho de 2021)

Lara Vascounto explica que esse tipo de personagem é utilizado aproveitando estereótipos construídos sobre ideias de que pessoas negras são de alguma forma ligadas a alguma espécie de misticismo ou magia. O problema está também na maneira simplista e rasa

como essas narrativas são construídas somente para fazer um personagem (geralmente branco) sair de um ponto e chegar a outro por meio da intervenção desse personagem negro. O segundo estereótipo, o do negro que precisa de um branco para salvá-lo é, segundo a autora, o contrário desta ideia:

O Negro que Precisa de um Branco que o Salve (NPBS, para ficar mais fácil) é, na verdade, quase o oposto do Negro Mágico: ele não tem poderes, ele não tem sabedoria, ele não salva o dia, mas em praticamente todos os casos, ele é pobre e/ou fodido. Despojado da indiferença que o Negro Mágico possui pela sua própria condição desesperadora, o NPBS está sempre prestes a seguir pelo mal caminho quando um branco salvador da pátria aparece para mostrar que ele pode, sim, ser mais do que um traficante/membro de gangue/viciado, droga!
(VASCOUTO, 4 Estereótipos Racistas que Hollywood Precisa Parar de Usar. Nó de Oito. Acessado em 29 de Junho de 2021)

A ideia que se constrói ao redor de produções com esse tipo de personagem negro é que eles existem somente para que um coadjuvante branco apareça e mude sua vida, os retirando de um lugar de insignificância ou marginalidade para algum tipo de estrelato que não seria possível sem a intervenção da pessoa branca, dando a impressão de que essa é a única maneira de pessoas negras alcançarem algum tipo de ascensão em suas vidas.

Por último falaremos do homem negro que não merece uma mulher branca, segundo o artigo isso se repete sempre em filmes que não tratam especificamente de questões raciais:

A não ser em filmes com temáticas que tratam especificamente de questões raciais e em algumas raras exceções, é praticamente impossível ver um personagem masculino negro ficar com uma mulher branca. Já o contrário – isto é, uma personagem feminina negra com um homem branco – é até que frequente. O motivo para isso mistura doses cavalares tanto de racismo quanto de machismo: basicamente, o público norte-americano não gosta de ver “homens negros pegando nossas mulheres brancas”. No caso de Hitch – Conselheiro Amoroso, por exemplo, a atriz que inicialmente havia sido cogitada para fazer o par romântico de Will Smith foi a Cameron Diaz, mas o próprio ator comentou em entrevistas que isso não deu certo porque os produtores ficaram preocupados com a reação do público ao ver um homem negro com uma mulher branca. Com isso, a atriz latina Eva Mendes foi escalada para o papel, iniciando-se aí a sua saga de eterno par romântico de protagonistas negros – papel que ela repete em Dia de Treinamento, Por um Triz e Amigos por Acaso.
(VASCOUTO, 4 Estereótipos Racistas que Hollywood Precisa Parar de Usar. Nó de Oito. Acessado em 29 de Junho de 2021)

Esse tipo de ideia, quando repetida frequentemente naturaliza a ideia de que pessoas negras estão sempre a mercê das narrativas de pessoas brancas – dentro e fora das telas do cinema. Em sua obra “A Sociedade do Espetáculo”, Guy Debord explica como as imagens podem substituir a experiência real, fazendo com que o espetáculo seja capaz de subverter a ótica da realidade.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como *instrumento de unificação*. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar *separado*, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão-somente a linguagem oficial da separação generalizada.

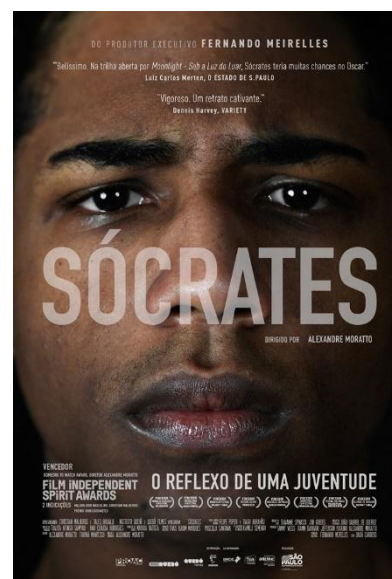
(DEBORD, 1997, p.14)

O Espetáculo não é um conjunto de imagem, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.

(DEBORD, 1997, 14)

3. Análise das obras

Para trazer alguma concretude para a pesquisa acima analisaremos os filmes ‘*Moonlight*’, de 2016 e ‘*Sócrates*’ de 2018. É importante ressaltar que os filmes foram escolhidos por abordarem temáticas semelhantes: são filmes protagonizados por homens negros e que abordam também temáticas ligadas à sexualidade desses mesmos protagonistas. A opção de usar dois filmes de países diferentes também foi proposital, o primeiro é dos Estados Unidos e o segundo é uma produção brasileira, a ideia é justamente analisar se a postura *cool* também é reproduzida em produções que não sejam estadunidenses (tendo em vista que a maior parte da literatura e dos estudos sobre o tema seja oriunda do país).



3.1 *Moonlight* (2016, Barry Jenkins)

Em *Moonlight: Sob a Luz do Luar*, acompanhamos três momentos da vida de Chiron, um jovem negro morador de uma comunidade pobre de Miami. Do *bullying* na infância, passando pela crise de identidade da adolescência e a tentação do universo do crime e das drogas, este é um poético estudo de personagem.

(*Moonlight: Sob a Luz do Luar*. Adorocinema. Acessado em 06 de Agosto de 2021)

Em *Moonlight*, o que chamamos de homem *cool* se mostra diversas vezes durante todo filme, seja na figura de Juan (que apesar da falta de parentesco representa uma figura paterna presente na vida do protagonista Chiron), nos garotos que fazem *bullying* com ele ou no próprio protagonista durante as três fases de sua vida representadas na trama. Vindo de uma família disfuncional, sua mãe é usuária de drogas e seu pai não está no cenário, Chiron muitas vezes se abstém de demonstrar suas emoções e até mesmo de falar em algumas partes do filme. Também podemos ver um momento de explosão do garoto que acaba resultando em único episódio de violência partindo dele, mas é importante ressaltar que os ambientes que ele frequenta são quase sempre cercados por algum tipo de violência.

A sexualidade do protagonista também é uma questão na escola, em casa e para si mesmo. As primeiras demonstrações de interesse por pessoas do mesmo sexo parecem levar o menino a uma reclusão ainda maior, talvez por não corresponder a algum estereótipo sobre como homens negros devem expressar sua sexualidade. Mais tarde após a primeira relação com um homem o que vemos é uma situação conflituosa: ao mesmo tempo em que parece estar feliz e satisfeito Chiron também demonstra alguma culpa.

A maneira como a postura *cool* e muitas vezes indiferente de Chiron é um resultado das suas experiências ao longo de sua vida e é, de algum modo, compreensível que ele aja dessa forma. Não há uma estereotipagem em relação a isso aqui, é plausível e sem exageros. Isso se deve provavelmente ao caráter autobiográfico do filme, que foi inspirado na peça 'in *Moonlight Black Boys Look Blue*' de Tarell Alvin McCraney, assinada também pelo diretor Barry Jenkins.

3.1 Sócrates (2018, Alex Moratto)

Depois da morte de sua mãe, o jovem Sócrates (Christian Malheiros), que foi criado apenas por ela durante os últimos tempos, precisa fazer tudo o que for possível para que consiga sobreviver na realidade da miséria, somado com o preconceito por ser homossexual. Seus valores e ideais são colocados na balança com o medo de não conseguir se virar sozinho.

(Sócrates Adorocinema. Acessado em 06 de Agosto de 2021)

Sócrates é um filme curto, com cerca de 70 minutos, e a maneira como a história é contada aqui é cheia de subjetividades. Não sabemos exatamente como era a sua relação com a mãe, ela já está morta no começo da produção e o garoto, ainda menor de idade, busca alternativas para se manter sem ter que ir para a casa do pai. Em alguns momentos da história ficam claras a sua relação com a própria sexualidade, na primeira cena com o seu interesse amoroso é ele quem toma a iniciativa e mais tarde o pai o rejeita justamente por não ser heterossexual, talvez tenha sido esse o motivo do abandono mais cedo. Ao mesmo tempo ele parece se conformar quando, numa cena na praia, ele e o garoto com quem está se relacionando são atacados por dois outros rapazes.

Sócrates demonstra algumas características *cool* ao longo de sua trajetória, a dificuldade de pedir ajuda por exemplo, chegando ao nível de considerar fazer programas para conseguir seu sustento. Mas é possível também notar que ele sente no garoto com o qual se relaciona um ponto de apoio, chegando a pedir auxílio para ele mais de uma vez.

A demonstração de emoções também é constante, Sócrates não evita o choro ou a tristeza, mas somente quando está sozinho, esses são os momentos em que a personagem extravasa suas emoções, Em um desses momentos isso também é motivado pela ingestão de uma quantidade considerável de álcool. Alguns episódios de violência por patê do protagonista também são mostrados na trama, um deles sem qualquer explicação aparente, talvez essa seja a maior expressão de uma postura *cool* durante todo o filme.

3.3 *Moonlight* e Sócrates

Apesar de haver em ambas as produções o que pode ser classificado como uma postura *cool*, esse tipo de comportamento é mais facilmente identificável no filme estadunidense. Talvez pela maneira como o personagem principal se comunica (ou por sua falta de comunicação em muitos momentos). Em Sócrates esses mesmos comportamentos são demonstrados de maneira mais fluida e implícita. Apesar disso os dois filmes não passam perto dos estereótipos explorados anteriormente nessa mesma pesquisa. Há um cuidado na construção de ambos e na maneira como se dão as suas relações com os demais personagens e com os ambientes em que as histórias se passam.

A profundidade dos personagens e a complexidade de suas questões e trajetórias não são em momento algum diminuídas como é de costume pela indústria do cinema. O cuidado e

a responsabilidade que as produções demonstram com os temas abordados nos dois filmes fica explícito pela maneira como a reprodução de comportamentos *cool* dos protagonistas (e de outros personagens no caso de *Moonlight*) está muito mais ligada a suas vidas e como isso os afeta do que a uma simples reprodução de estereótipos.

Sites visitados:

<https://neofeed.com.br/blog/home/nas-telas-e-atras-das-cameras-negros-ainda-sao-coadjuvantes-em-hollywood/>

<http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-hollywood/>